

Apresentação

Lawrence Grossberg, no capítulo introdutório de *Cultural Studies in the future tense* (2010), conta que, em uma entrevista, foi perguntado sobre o seu “comportamento protetor” (e, ao mesmo tempo, crítico) relativo aos Estudos Culturais – isto é, por que ele lutou tantas vezes pela abertura de espaços institucionais para o campo e por que escreveu e ensinou, com tanto vigor, sobre o que os Estudos Culturais podem ser. Sua resposta foi a seguinte:

A resposta é que eu acredito que as ideias importam e que nós deveríamos nos aproximar da gigantesca tarefa de transformar o mundo preparados da melhor maneira possível. E eu acreditei, em toda a minha carreira acadêmica, na importância dos Estudos Culturais. Eles importam não porque se constituem na única prática intelectual que pode nos dizer algo sobre o que está acontecendo no mundo em que vivemos, mas porque eles são uma maneira diferente de fazer o trabalho intelectual, e, como resultado, podem dizer e fazer certas coisas, podem produzir certos saberes e compreensões que podem não ser tão facilmente obtidos através de outras práticas. Os Estudos Culturais importam porque dizem respeito ao futuro e sobre o tanto de trabalho que teremos, no presente, para construir o futuro. Trata-se de compreender o presente a serviço do futuro. Ao olhar para a forma como o mundo contemporâneo tem sido moldado para ser o que é, eles [os Estudos Culturais] tentam tornar visíveis formas alternativas de mundo – formas através das quais o mundo pode se tornar diferente, inusitado (GROSSBERG, 2010, p. 1).

Grossberg, que atualmente é professor de Comunicação e Estudos Culturais na Universidade da Carolina do Norte (UNC) – Chapel Hill, EUA, foi aluno de Richard Hoggart e Stuart Hall no Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham, local da primeira institucionalização dos estudos e pesquisas desenvolvidos por estudiosos britânicos entre a primeira e a segunda metade do século XX que tinham, em comum, a preocupação com a desnaturalização de saberes e práticas muito bem articuladas em torno de algumas tradições culturais nacionais inglesas.

Os Estudos Culturais têm sido usualmente referidos como um conjunto de saberes nômades, que se expandiram, notadamente nos anos 1990, a partir da internacionalização das vertentes britânicas destes estudos que, ao migrarem para outros países, produziram uma série de deslocamentos em práticas e saberes locais. Ocorreram, assim, intensas reavaliações e reinvenções neste polimorfo campo de estudos, ao mesmo tempo em que se deu, em muitos lugares, a sua institucionalização acadêmica e/ou sua colonização disciplinar, tal como salientaram Marjorie Ferguson e Peter Golding (1997). E isso se processou através da proliferação de associações profissionais, conferências, além da editoração de revistas e livros. Mas, é importante esclarecer, como faz Grossberg (2012), que embora outros projetos de Estudos Culturais tenham sido inventados, simultânea e até independentemente, em outros lugares, foi na Inglaterra que esses assumiram um formato mais definido tanto em sua prática quanto em sua institucionalização. Para esse autor, coube, no entanto, à academia norte-americana a ampliação e a disponibilização desses estudos a uma conversa mais global, disso resultando terem se tornado “suas raízes intelectuais ainda mais variadas e imprevisíveis” (GROSSBERG, 2012, p. 47).

Ao longo dos anos 1990 se intensificou, no Brasil, a atenção dispensada a este campo de estudos, tendo este passado a inspirar, por exemplo, a realização de investigações em Educação, a partir da criação da linha de pesquisa Estudos Culturais em Educação, em 1997, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Também é importante indicar que, atualmente, outros programas de pós-graduação em Educação têm buscado articular suas propostas aos Estudos Culturais: no caso do Programa de Pós-Graduação em Educação

da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), a área de concentração do curso que focaliza os Estudos Culturais desde 2004; e no do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), desde 2011, uma das cinco linhas de pesquisa oferecidas intitula-se Estudos Culturais da Educação. Além disso, como está registrado nos artigos que integram este Dossiê, encontramos praticantes de Estudos Culturais em muitos outros programas de pós-graduação em Educação, havendo, também, uma significativa produção de teses e dissertações, bem como de artigos acadêmicos e livros produzidos na intersecção destes dois campos.

Os Estudos Culturais focalizam diferentes dimensões da educação e da cultura – nesta direção, eclodem diferentes estudos que abrangem, por exemplo, áreas como as culturas infantis, as identidades juvenis, as ciberculturas, as culturas pós-coloniais, negras e indígenas, as culturas escolares, bem como as práticas educativas constantes em variadas formas culturais já consagradas como a literatura, a música, os filmes, a televisão, a dança, a arquitetura. Também interessa ao campo, em conexão com a educação, compreender como se constituem e se transformam as subjetividades e as formas de pertencer a certos grupos, problematizando representações naturalizadas, estereótipos e preconceitos implicados no posicionamento desigual dos sujeitos.

Resumimos, a seguir, um conjunto de argumentos construídos na mesma direção da resposta dada por Grossberg para destacar a importância dos Estudos Culturais na promoção de outras formas de entendimento para o mundo em que vivemos e para a Educação em um cenário contemporâneo, visando justificar a proposição deste dossiê.

Em primeiro lugar, ressaltamos ser inédita a temática proposta: este é o primeiro dossiê que trata dos Estudos Culturais em articulação com o campo da Educação. Nele reunimos oito artigos produzidos por 13 autores de 10 diferentes instituições (ULBRA, UFRGS, PUCRS, UFSC, UFMG, UFRN, UEA, UDESC, University of Miami e Pontificia Universidad Javeriana da Colômbia), cujos temas podem ser apontados como tendências e – por que não dizer? – como desdobramentos recentes produzidos por praticantes dos Estudos Culturais em faculdades de Educação do Brasil e do exterior. Os temas por eles abordados – os currículos escolares repletos de rotinas que aprisionam, dividem e desanimam crianças e jovens; as representações indígenas e o modo como “o outro/indígena” é narrado e construído na escola e em uma série de outras instâncias culturais; as culturas latino-americanas e seus múltiplos atravessamentos no que diz respeito a raça, etnia e nação; a retórica da sustentabilidade ambiental produzida, em especial, pelas imagens da mídia; as crianças pobres que frequentam escolas locais e vivem infâncias pós-modernas em escala global, pautadas pelo consumo; as lições midiáticas acerca do corpo, da dança e de novos modos de ser e estar no mundo contemporâneo, dentre outros – também demonstram que a articulação entre a Educação e os Estudos Culturais é profícua, vigorosa e fecunda.

Além disso, a diversidade metodológica é outro ponto importante a ser registrado nos artigos da presente proposta de dossiê – sendo essa uma marca característica dos próprios Estudos Culturais de inspiração pós-moderna aos quais nos temos dedicado. Assim, análises culturais, discursivas, imagéticas, de inspiração etnográfica, entre outras, compõem um mosaico de caminhos investigativos que pode, sem dúvida – e evocamos Grossberg (2010), novamente, para nos ajudar a defender os Estudos Culturais –, produzir compreensões e saberes diferentes, não facilmente obtidos através de outras abordagens.

Outro argumento que gostaríamos de ressaltar diz respeito ao crescimento do interesse pelos Estudos Culturais nas faculdades de Educação do país. Como exemplo dessa intensificação do interesse no campo, podemos citar o texto de Costa, Silveira e Sommer (2003), intitulado “Estudos Culturais, Educação e Pedagogia”, que é o 29º artigo mais acessado da Revista Brasileira de Educação (contando com mais de 20 500 acessos em março de 2015, em contagem que foi iniciada apenas dois anos após sua publicação – outubro de 2005). Observamos que há muitos outros autores vinculados à perspectiva teórica dos Estudos Culturais em Educação no ranking de textos mais acessados da referida revista. Isso nos diz algo acerca do forte apelo acadêmico que certamente terá um dossiê em Estudos Culturais e Educação. E, por último, consideramos como outro indicativo do interesse pelo campo o expressivo número de inscrições efetuadas na 5ª edição do Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação/2º Seminário Internacional em Estudos Culturais e Educação, único evento da área, realizado na ULBRA/Canoas em maio de 2013: foram 663 inscritos, havendo, entre

esses, representantes de mais de mais de 100 instituições, de 23 Estados brasileiros e de 6 de países estrangeiros.

Para finalizar, ressaltamos que, apesar de a articulação processada entre estes dois campos ter recebido críticas que envolvem apontar, por exemplo, o abandono de questões que muitos consideram ser “eminentemente pedagógicas” – os modos de proceder na escola visando ao seu aprimoramento, enquanto instituição formadora das “novas” gerações de brasileiros –, são inegáveis as ampliações oferecidas à compreensão do educativo que a articulação entre os dois campos de estudo tem proporcionado. De tal articulação resultou não apenas a autorização para a análise de uma gama de instituições, produções, práticas e artefatos da cultura, como também a possibilidade de vê-los como educativos, independentemente de estar neles embutida a pretensão de ensinar. Queremos dizer, inspiradas em teorizações de Simon (2011), que o cinema, o teatro, a televisão a publicidade, a arquitetura, os fóruns de saúde pública, o jornalismo impresso, a música, os festivais, as exposições, além dos estudos e os rituais religiosos, e também a escola, funcionam como tecnologias culturais que estão implicadas na produção de significados que atuam na formação e regulação de identidades e desejos dos sujeitos que com elas interagem. As referidas instâncias e práticas são vistas como educativas porque nelas os significados são absorvidos, reconhecidos, compreendidos, aceitos, contestados, distorcidos, ampliados ou descartados. Isso significa dizer que passou a se constituir em tarefa dos educadores que se inspiram nos Estudos Culturais a problematização do modo como se dá a organização e a regulação desta multiplicidade de processos produtivos simbólicos. Nessa tarefa, tal como salientou Grossberg (2008), é indispensável que se una o conceitual e o empírico, e também que se retire da teoria qualquer estatuto sagrado, passando essa a ser tomada como uma ferramenta cuja utilidade só pode ser medida contextualmente. Grossberg (2012) salientou, ainda, que devemos intensificar nossos esforços colaborativos para entender o mundo, para contarmos sobre ele outras histórias e para construirmos perspectivas, considerando as diversificadas formas de ser e de viver no presente. Buscamos apresentar, por meio dos textos deste dossiê, algumas direções imprimidas à pesquisa em Educação quando esta é articulada aos Estudos Culturais.

MARIA LÚCIA CASTAGNA WORTMANN
MARISA VORRABER COSTA
DANIELA RIPOLL
IARA TATIANA BONIN

REFERÊNCIAS

- COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luís Henrique. Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. **Rev. Bras. Educ.**, n. 23, p. 36-61, maio/ago. 2003.
- FERGUSON, Marjorie; GOLDING, Peter. Cultural studies and changing times: an introduction. In: FERGUSON, Marjorie; GOLDING, Peter (Ed.). **Cultural Studies in question**. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage, 1997.
- GROSSBERG, Lawrence. Será que os estudos culturais têm futuros? E deverão tê-los? (ou o que se passa em Nova Iorque)? **Comunicação e Cultura**, n. 6, p. 17-51, 2008.
- GROSSBERG, Lawrence. **Cultural Studies in the future tense**. Durham: Duke University Press, 2010.
- GROSSBERG, Lawrence. Existe lugar para os intelectuais no novo radicalismo? Três paradigmas. In: SARAIVA, Karla; MARCELLO, Fabiana de Amorim (Org.). **Estudos culturais e educação: desafios atuais**. Canoas: Editora da ULBRA, 2012.
- SIMON, Roger I. A pedagogia como uma tecnologia cultural. 9. ed. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 2011.